

CONGRUÊNCIAS E HETEROGENEIDADES: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS GÊNEROS CARTAZ E CHARGE

Luiza Bedê*

Resumo:

O presente artigo tem como um de seus objetivos utilizar a concepção de gênero desenvolvida por Jacques Fontanille no que tange ao percurso gerativo da expressão, mais especificamente, aos três níveis de pertinência: texto-enunciado, objetos e cena prática. As análises possuem o intuito de demonstrar a intersecção entre os tipos discursivos e tipos textuais nos gêneros cartaz e charge.

Palavras-chave: Gênero; Congruência; Jacques Fontanille; Semiótica Francesa.

Abstract:

The present work aims to use the conception of genre developed by Jacques Fontanille, concerning the generative process of the expression. More specifically, it concerns the three levels of pertinence: text-utterance, objects, and predicative scene. The analyses aim to demonstrate the intersections between the discursive types and textual types in the following genres: poster and cartoon.

Keywords: Genre, Congruence, Jacques Fontanille, French Semiotics.

Introdução

As disciplinas de estudo que têm como objeto o discurso, nas últimas décadas, têm como um de seus temas principais de pesquisa pensar a importância do gênero para produção de sentido. São diversas áreas da Linguística que adotam essa perspectiva, as mais recorrentes são a da linguística textual (MARCUSCHI, 2008) e a da filosofia da linguagem (BAKHTIN, 2010). Outras áreas do campo do discurso — que não possuíam, até então, uma discussão acerca dessa noção — estão se debruçando sobre a noção de gênero, como é o caso da semiótica francesa, somando-se a outras

* Graduada em Letras (2012) e Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2015). Professora temporária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Contato: luiza_bede@hotmail.com.

perspectivas e delimitando o espaço essencial que tal categoria possui para o funcionamento discursivo.

A semiótica francesa, especificamente, a greimasiana, em alguns momentos, como no livro analítico *Maupassant* (GREIMAS, 1993), comenta a noção de gênero, mas por conta da necessidade de se considerar o caráter extrínseco ao texto para definir o gênero e por essa definição ter relação com a época específica de circulação, a análise aprofundada do gênero perderia a cientificidade tão buscada por Algirdas Julius Greimas. Assim, as análises da semiótica greimasiana, durante anos, não se apropriaram com profundidade da noção de gênero. Porém, aproximadamente vinte anos após a publicação de *Maupassant*, a semiótica com tendência greimasiana, por meio de Jacques Fontanille, em 1999, definiu categorias e descreveu sistematicamente a noção de gênero.

O presente trabalho, portanto, pretende utilizar a concepção de gênero desenvolvida por Jacques Fontanille, no que tange ao percurso gerativo da expressão, mais especificamente, os três níveis de pertinência elencados pelo semioticista, além de demonstrar, por meio da análise, a intersecção entre os tipos discursivos e tipos textuais nos gêneros abordados. Assim, para compreender o gênero é necessário adentrar nas concepções de textos e discurso dessa corrente teórica.

1. Gênero em Semiótica: do literário ao sincrético

Jacques Fontanille em *Sémiotique et Littérature* (2008) analisa as variáveis e invariáveis dos gêneros literários, como no romance e na novela, porém a teoria de gênero desenvolvida por ele pode abarcar diferentes tipos de semioses, porque está fundamentada na distinção elementar da semiótica: *texto* e *discurso*. Assim, qualquer semiótica-objeto pode ser analisada do ponto de vista do gênero, seja ela um romance, uma epopeia, um jornal televisivo, uma obra de Van Gogh ou Duchamp, pois todas essas semioses apresentam texto e discurso.

O texto é aquilo que se dá a apreender e é organizado a partir de elementos concretos que permitem exprimir a significação do discurso (FONTANILLE, 2008). O texto, portanto, é a forma, a expressão ou onde o discurso se materializa. Já o discurso é materializado no texto e é o processo de significação, ou, em outros termos, o ato e o produto. Ou seja, é a enunciação particular e concretamente realizada (FONTANILLE, 2008).

[...] lembremos que é o discurso que permite ao texto a existência de uma significação intencional e coerente. Já o texto, enquanto “suporte” do discurso, apresenta-o ao leitor valendo-se de meios diversos, sejam convencionais ou inovadores. Isso permite que as formas textuais possam servir de base para qualquer tipo de manifestação discursiva coerente (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 76).

Portela e Schwartzmann (2012) indicam que o texto possui diferentes formas de manifestar um discurso, para tanto, ele precisa ser coeso, ou seja, possuir organização sequencial, simetria, uma hierarquização interna absoluta. Essa multiplicidade de textos possíveis de serem elaborados faz com que o discurso seja coerente, considerando, principalmente, a intencionalidade do discurso.

A coerência aponta para a intencionalidade do discurso, que indica a existência de um único universo de sentido, mesmo que existam outras possíveis leituras. Ou seja, a coerência torna evidente um sentido que é apreendido globalmente, mesmo que se tenha a impressão de que não há homogeneidade na sua significação (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 76).

Ou seja, é a coerência do discurso que implica em uma “monoisotopia”, um único universo de sentido de um enunciado. Nesse ponto, é necessário avaliar que a homogeneidade, às vezes não tão clara, indica a intencionalidade do discurso.

Fontanille (2008) arremata essas duas categorias, a coesão textual e a coerência discursiva, com um terceiro eixo motriz que produz a variabilidade, a diversidade e a multiplicidade do gênero, além de viabilizar uma análise que considera o universo socioletal e o espaço de circulação dos enunciados. Assim, essa abordagem aponta para uma heterogeneidade, pois carrega em si marcas da enunciação concreta. Esse terceiro elemento é o que Fontanille nomeia de congruência.

A congruência, portanto, é o que une as características discursivas e as

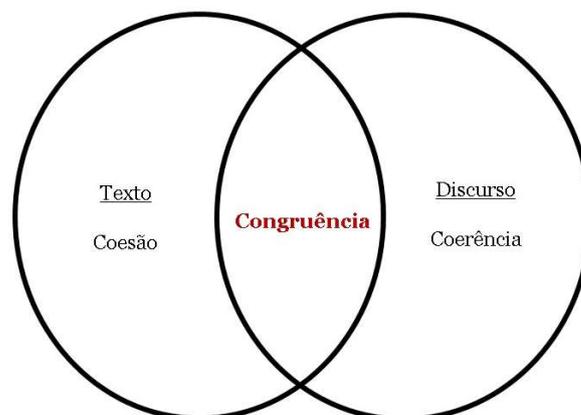


Figura 1 Congruência

características textuais, ela é responsável pelo efeito global de totalidade de sentido, é

a harmonia e a concordância entre o discurso e o texto, essa articulação entre essas dimensões gera determinado gênero. Porém, a harmonia, a congruência entre discurso e texto perpassa alguns critérios elaborados por Fontanille que dizem respeito ao funcionamento interno dessas duas instâncias, dos quais veremos a seguir, na análise do gênero *charge* e *cartaz*.

2. O gênero charge e cartaz: o tipo textual e o tipo discursivo

Nesta seção, faremos uma breve exposição dos critérios utilizados por Fontanille para analisar o tipo textual e o tipo discursivo. Para tanto, utilizaremos como mote dessa exposição os gêneros cartaz e charge, respectivamente.

2.1. Tipo textual: Cartaz¹



Figura 2: Brasil, 10 anos de ditadura militar

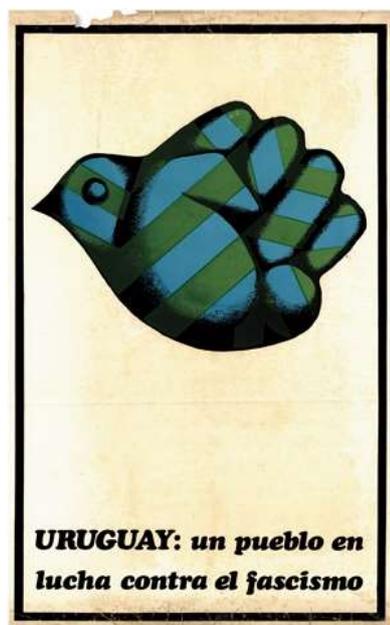


Figura 3: Uruguay: un pueblo en lucha contra el fascismo



Figura 4: Basta de Milicos

Os três texto-enunciados são cartazes veiculados na América Latina no período da ditadura militar que se instaurou em diversos países do continente entre o fim da década de 50 aos anos 80. Percebemos que há entre eles semelhanças em relação a organização do texto, já que os três possuem elementos verbais, que informam um

¹ Todos os cartazes aqui apresentados fazem parte do corpus da pesquisa *Resistência e Exílio: o humor e a carnavalização nos enunciados verbo-visuais dos anos de chumbo* e foram colhidos no Instituto Vladimir Herzog, em 2014, pela autora.

acontecimento, e visuais centralizados. Para analisar o tipo textual é necessário considerar que o modo como os elementos textuais estão distribuídos e organizados em uma certa materialidade determinam o tipo textual e funciona como um “suporte” para o discurso.

Segundo Fontanille (1999), devemos estabelecer dois critérios: o primeiro deles refere-se à “duração histórica ou do acontecimento narrado” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 77) do texto-enunciado no qual pode ser avaliado como *longo* ou *breve*. Os três cartazes acima não possuem uma longa duração como o romance, por exemplo, *Cem anos de solidão*, que narra sete gerações de uma família, organizado por vários capítulos e que a compreensão da obra se dá a partir da leitura do todo. Embora os cartazes retratem um longo período da ditadura militar, os três texto-enunciados pertencentes ao gênero cartaz são concisos, por isso, podemos elencá-los como *breves*.

Já o segundo critério estabelecido por Fontanille é um pouco mais complexo porque refere-se a duas instâncias do texto: a “unidade de leitura” que seria a sequência que possibilita o sentido em um todo organizado; e a “unidade de edição” que seria os recortes feitos dessa sequência. Vejamos os esquemas abaixo, sendo que a seta se refere a “unidade de leitura” e o retângulo à “unidade de edição”.

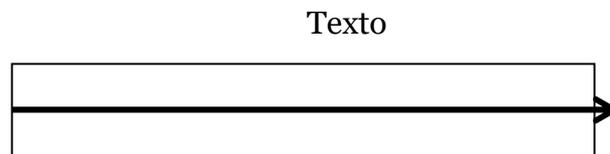


Figura 5: Coincidência entre a “Unidade de leitura” e a “unidade de edição”

Percebemos, nesse primeiro esquema, que a “unidade de edição” coincide com a “unidade de leitura”. Essa coincidência indica que determinado texto-enunciado é *fechado*, o sentido do todo do texto só será compreendido ao término da leitura, mesmo que o texto seja dividido em capítulos ou estrofes.

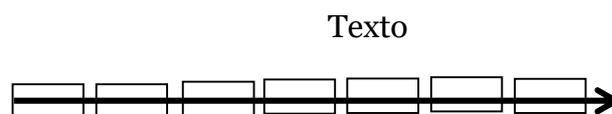


Figura 6: Não coincidência entre a “Unidade de leitura” e a “unidade de edição”

No segundo esquema, como vemos, a “unidade de leitura” não coincide com a “unidade de edição”, logo temos um texto *aberto*.

[...] se as unidades não coincidirem, a leitura não se limitará ao todo, permitindo assim que as partes sejam lidas (tenham sentido) também isoladamente [...] podemos ter um texto **aberto**, que resultaria, por exemplo, em uma série como a sequência de capítulos de revistas de história em quadrinhos, em que cada parte tem um sentido legível em si, mas que pode ser completado quando lida em conjunto (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 77).

Voltando aos cartazes selecionados e tendo em mente o segundo critério textual, concluímos que o gênero cartaz coincide a “unidade de edição” com a “unidade de leitura”, porque a sequência do texto é a mesma do recorte dado, ou seja o texto é compreendido ao mesmo tempo em que o leitor se depara com o texto ou seja, é *fechado*.

Portanto, nós temos, no tipo textual, o primeiro critério que pode ser longo ou breve e o segundo que pode ser aberto ou fechado. Da relação entre esses dois critérios, temos o quadro a seguir:

	Longo	Breve
Aberto	Recursividade	Fragmentação
Fechado	Desdobramento	Concentração

Tabela 1: Tipos textuais

Da análise feita acima, concluímos que o gênero cartaz é breve e fechado, esse contato textual entre o breve e o fechado gera a concentração, “que nos apresenta um espaço textual reduzido, fornecendo, no entanto, o máximo de sua significação, como se passa na piada, no soneto, na máxima ou aforismo” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 78) e incluímos nessa lista também o gênero cartaz.

2.2. Tipo discursivo



Figura 5: Latuff, 2013



Figura 6: Latuf, 2015.

Os dois enunciados acima possuem uma única autoria, o cartunista brasileiro, Latuff. Ambos foram publicados entre os anos de 2013 e 2015.

Para Fontanille (1999), a definição do tipo discursivo se dá por meio de dois eixos: pelas modalidades da enunciação – que incluem os atos linguagem – e pelas axiologias e formas de avaliação dos discursos, assim nesse âmbito a enunciação é imprescindível para a compreensão e articulação do discurso

No primeiro critério, temos a definição de quatro tipos típicos de discursos, são eles:

	Crenças	Motivações	Aptidões	Efetuações
Modalizações	Assumir e Aderir	Querer e dever	Saber e poder	Ser e fazer
Tipos de discurso	Persuasivo	Incitativo	De habilitação	De realização

Tabela 2: Critérios de modalização e tipos discursivos

Tendo em vista as charges apresentadas acima, podemos considerar que no primeiro critério os texto-enunciados possuem um discurso de modalização do saber, do informar e, por isso, são correspondentes aos discursos de habilitação. Já no segundo critério, o que o define é a adesão e a extensão de alcance aos sujeitos a determinados discursos, assim, temos o esquema formulado por Fontanille (1999).

		Intensidade de adesão	
		Forte	Fraco
Extensão e quantidade	Valores exclusivos	Valores discretos	
	Valores participativos	Valores difusos	

Tabela 3: Tipos discursivos: Axiologia e Formas de avaliação do discurso

Desse modo, consideramos as charges expostas pertencentes aos valores exclusivos, pois “empregam valores absolutos que focalizam e valorizam sempre uma temática, uma figura, uma atitude específica, apurando, refinando, ‘descontaminando’ os modos, tal como se dá nos discursos moralistas e militantes” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 80).

A análise proposta nessa subseção teve o intuito de esmiuçar os critérios debatidos por Fontanille (1999) sobre os tipos textuais e os tipos discursivos, tais critérios demonstram a multiplicidade das possíveis combinações (entre textos e discursos) que possibilitam inúmeros gêneros que existem e que ainda podem ser criados, esse universo múltiplo está de acordo com as inúmeras formas da linguagem se manifestar, para tal, necessariamente, é preciso um texto coeso, um suporte e um meio de circulação. Esses três últimos também são tratados por Fontanille no seu percurso gerativo da expressão e na teorização sobre o gênero.

3. Congruência e os níveis de pertinência nos gêneros cartaz e charge

Como vimos, a congruência entre texto e discurso possibilita a formação do gênero, porém para analisar a congruência é necessária uma definição ampla, já que a existência de um determinado gênero prevê a produção, a circulação em determinado momento histórico. Dessa forma, para estudar o gênero, Fontanille propõe um “recorte” do seu *Percurso gerativo da expressão*, destaca-se do segundo ao quarto nível de pertinência, pois são justamente esses três níveis em movimento que definem o gênero nessa perspectiva. Os três níveis de pertinência propostos são: **texto-enunciado; objeto-suporte e cenas práticas.**

Tipo de Experiência	Instâncias Formais	
Figuratividade	Signos	
Coerência e Coesão interpretativas	Textos-enunciados	Gênero
Corporeidade	Objetos	
Prática	Cenas práticas	
Conjuntura	Estratégias	
Ethos e comportamento	Formas de vida	

Tabela 4: Instâncias formais e o gênero

Em cartazes expostos nas paredes, por exemplo, é necessário que o texto-enunciado por meio de sua letra, suas cores e sua organização seja compatível, coerente e coeso com a intenção que se tem que, no caso, é transmitir uma determinada informação ou orientação, do mesmo modo que a superfície, o suporte em que o texto-enunciado estará inscrito também deve ser compatível com o objetivo de tal gênero, já a cena prática deve envolver o maior número de pessoas possível ou, dependendo do cartaz, determinadas pessoas e o público ao qual pretende-se atingir.

Um cartaz que informe sobre a data de matrícula de uma universidade deverá circular em espaços que haja o maior número de estudantes em idade compatível com o ensino superior possível, colocá-lo em uma sala de descanso de uma escola de educação infantil não cumprirá a função de tal gênero. Nesse sentido, chamamos a atenção para a importância de os três níveis de pertinência estarem intrinsecamente inter-relacionados um com os outros. Essa inter-relação é que faz determinado gênero sê-lo. Assim, um cartaz de tamanho 10x15, entregue manualmente às pessoas que circulam em uma rua no centro da cidade, certamente não será um cartaz, mas um panfleto.

Nos níveis de pertinência, é necessário fazer uma distinção no nível do objeto-suporte, esse nível engloba tanto o suporte material, em que são inscritos os textos, e o suporte formal que seria o modo, a forma, a posição em que o texto é organizado e escrito.

A seguir, contrastaremos os níveis de pertinência de dois gêneros diferentes, a charge e o cartaz, são eles:



Figura 9: Latuff, 2012.

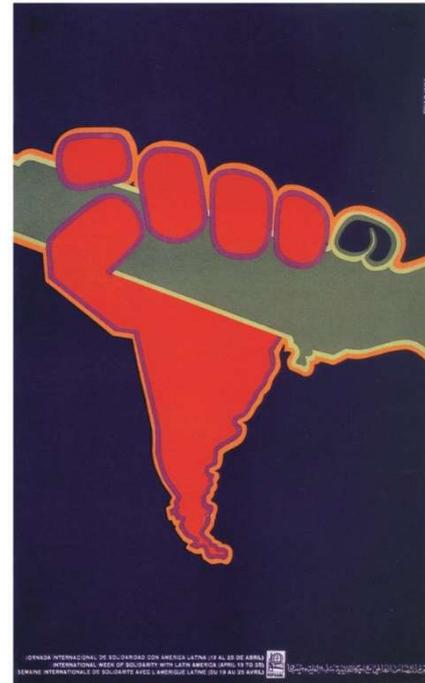


Figura 8: Jornada Internacional de Solidaridad con América Latina

À esquerda, temos o cartaz elaborado por Asela Perez, em 1970, para a Jornada Internacional de Solidaridad con América Latina. À direita, temos a charge intitulada “Mães de maio” do Latuff, publicada em 2012, na rede social do cartunista. Na análise, nos restringiremos na delimitação dos gêneros nas suas proximidades e distanciamentos, considerando os níveis de pertinência propostos por Fontanille, a seguir seguem dois quadros compostos pelas características de cada gênero.

Níveis de pertinência	Instâncias formais	Propriedades textuais genéricas (Congruência)
Textos-enunciados	Cartaz	Concentração textual
Objetos-suporte	Material: Papel, superfície lisa que permita ser colada/anexada em mural ou parede; Formal: disposição vertical, com destaque centralizado.	Contato visual imediato, com poucas informações, marcação de autoria
Cenas Práticas	Na produção: <i>Prática de informar</i> Na circulação: <i>Prática de visualização</i>	Informar, advertir, mobilizar

Tabela 4: Níveis de pertinência e Instâncias formais da charge Mães de Maio, Latuff, 2012

Níveis de pertinência	Instâncias formais	Propriedades textuais genéricas (Congruência)
Textos-enunciados	Charge	Concentração textual
Objetos-suporte	Material: Papel de jornal/computador Formal: disposição horizontal, com um ou dois quadros, colorido.	Contato visual imediato, marcação de autoria e ano.
Cenas Práticas	Na produção: Prática artística e/ou jornalística Na circulação: Prática da informação e da crítica	Informar “criticamente”, alertar, conscientizar

Tabela 5: Instâncias formais do cartaz

Percebemos as semelhanças entre os gêneros, principalmente, no que compete às congruências, na terceira coluna, de ambas as tabelas. Como vimos, a congruência é a negociação entre os níveis textuais e discursivos, assim o cartaz e a charge são semelhantes nas propriedades genéricas. No entanto, na segunda coluna, referente às instâncias formais, encontramos um distanciamento entre os dois gêneros, pois há entre eles uma diferença nas propriedades formais, como a forma, o material, a produção e a circulação desses enunciados.

As análises dos tipos textuais indicam que tanto a charge quanto o cartaz pertencem ao âmbito da concentração textual, já que são breves, por serem concisos, e fechados, por a “unidade de leitura” e a “unidade de edição” coincidirem. O tipo textual que pertence ao nível de concentração tem a tendência de possuir um “espaço textual reduzido, fornecendo, no entanto, o máximo de sua significação” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 78). Já na análise dos tipos discursivos, os discursos variam de texto a texto, como explicita Fontanille, pois os tipos discursivos podem se apropriar dos mais diversos tipos de textos, se inserem nos mais diferentes gêneros e acontecem na concretude da enunciação.

A charge de Latuff possui a extensão forte e adesão restrita, porque a compreensão do sentido do discurso perpassa pelo conhecimento que o leitor possui sobre a favela, a mulher negra e a violência policial. Desse modo, essa charge possui valores exclusivos e se direcionam para os valores absolutos. Os discursos que possuem tais valores se aproximam daqueles que sugerem uma resistência, por meio de uma atitude específica, no caso da charge, a de confronto com a força policial. Já na

modalidade da enunciação, inferimos que essa charge pertence à modalidade de realização, de incitar o “ser” e o “fazer”.

Já no cartaz de Asela Perez, elencamos como extensão forte e adesão ampla, porque a produção de sentido se dá não pela personificação de um sujeito específico, mas sim da América Latina, representada pela forma geográfica do continente. Tais critérios implicam nos valores participativos, pois

[...] caminham na direção da máxima projeção de todos os valores no discurso. A adesão aos valores faz-se mais fortemente justamente por causa da extensão de seu campo de aplicação. Tamanha concentração – que reconhecemos facilmente no *otimismo* – faz com que tanto as temáticas quanto as figuras empregadas tenham quase o mesmo peso, a mesma proporção axiológica (PORTELA; SCHWARTZMANN, *grifos nossos*, 2012, p. 81).

No cartaz, o otimismo se dá no âmbito do discurso, da enunciação, pois a revolta armada contra os regimes ditatoriais na América Latina é tida como uma saída possível nessa charge, sendo que a união dos países e dos povos latino-americanos também se torna necessária para lograr êxito.

Apontamentos finais

A sistematização proposta por Fontanille contribui substancialmente com os estudos de gênero na área da Semiótica, mas não somente. A necessidade de se categorizar elementos da linguagem se dá por conta da própria heterogeneidade do objeto. Desse modo, os estudos do discurso não podem se furtar de uma sistematização que permita compreensão mais ampla e profunda acerca do texto-enunciado.

Embora os textos analisados pertençam a gêneros diferentes, percebemos muitas semelhanças entre eles como, por exemplo, no plano das propriedades dos tipos textuais, no que se refere a *concentração textual*. Já no âmbito do discurso, encontramos mais diferenças do que semelhanças entre os gêneros.

Consideramos importante problematizar os desdobramentos que o *objeto-suporte* pode conter, principalmente no âmbito da *circulação*, já que em tempos de mídias digitais e sociais, uma charge pode ser utilizada como cartaz e vice-versa. Reafirmando, assim, o que Greimas e Fontanille pontuam, a natureza socioletal do gênero.

A abertura que Fontanille propõe ao analisar o gênero em Semiótica, considerando os problemas da instabilidade dos objetos-suporte, sugere um novo

olhar dos semioticistas para aquilo que está entorno do texto. A linguagem é dinâmica e viva, por isso, ao tomá-la como objeto, é importante que os estudos do discurso compreendam a sua constante construção e reconstrução.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. O gênero do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Martins Fontes, 2010.
- FONTANILLE, Jacques. Le genre. In: **Sémiotique et Littérature**. Paris: PUF, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Maupassant**. A semiótica do texto: exercícios práticos. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SCHWARTZMANN, M. & PORTELA, J.C. A noção de gênero na Semiótica. In: PORTELA, J. BEIVIDAS, W. LOPES, I. SCHWARTZMANN, M. (orgs). **Semiótica: Identidades e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 69-98.

Artigo recebido em: 15/05/2017

Artigo aprovado em: 30/08/2017